

FREQUÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO DE INFECÇÕES FÚNGICAS EM CÃES: ESTUDO REALIZADO NO MICVET (UFPEL, 2022–2024)

MARIA ENILDA BORGES MACHADO¹; MARIANA DEON PEREIRA ²; JULIANA
MONTIEL NUÑEZ³; LUCAS GOMES COSTA⁴; LARA COSTA GRUMANN
MICHEL⁵ MARCELABRANDÃO COSTA⁶

¹ Universidade Federal de Pelotas – mariaenilda.nove@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – maripereira0210@yahoo.com

³ Universidade Federal de Pelotas – julianamontielnunez@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – gomeslucasgcl@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – laracmichel@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas – marcelabc@hotmail.com.br

1. INTRODUÇÃO

As micoses em cães apresentam-se com uma variedade de manifestações clínicas, afetando predominantemente a pele, o canal auditivo e o tecido subcutâneo. Entre os principais agentes causadores, destacam-se os dermatófitos dos gêneros *Microsporum* e *Trichophyton*, as leveduras oportunistas dos gêneros *Malassezia* e *Candida*, além dos fungos do complexo *Sporothrix schenckii* e de microrganismos sapróbios do ambiente. Esses fungos podem atuar tanto como patógenos primários quanto como oportunistas, em especial quando ocorrem imunossupressão ou desequilíbrios na microbiota cutânea (GOMES et al., 2012)

Nos últimos anos, as micoses em cães têm despertado crescente interesse devido a múltiplos fatores, incluindo a influência da resposta imune do hospedeiro, a ampla distribuição ambiental dos agentes etiológicos, a diversidade de apresentações clínicas, as dificuldades inerentes ao diagnóstico e a importância da identificação precisa dos fungos envolvidos para a escolha de uma terapêutica eficaz (GUPTA et al., 2022; KAPITULO et al., 2023; GORTAZAR et al., 2020).

O diagnóstico das micoses em cães representa um desafio clínico, pois as lesões cutâneas frequentemente se assemelham às observadas em dermatoses de origem bacteriana, parasitária, alérgica ou neoplásica. A confirmação laboratorial é fundamental para diferenciar os agentes envolvidos e, assim, direcionar a conduta terapêutica adequada. Entre os métodos utilizados, destacam-se a lâmpada de Wood, o exame direto com hidróxido de potássio (KOH), a cultura micológica, a análise histopatológica e, em determinados casos, testes rápidos. A cultura micológica permanece como o padrão-ouro, por possibilitar a identificação específica do agente etiológico com base em suas estruturas morfológicas (QUATRIN et al., 2020). A utilização combinada de diferentes técnicas aumenta a confiabilidade diagnóstica e contribui para evitar tratamentos inadequados (CHAUVIN, 2018).

Diante da grande diversidade de agentes fúngicos e das diferentes manifestações clínicas, estudos que investiguem a frequência e os perfis das infecções fúngicas em cães são fundamentais para compreender o panorama micológico regional, subsidiando o diagnóstico diferencial e orientando terapêuticas mais eficazes. Contudo, o presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento de casos de doenças fúngicas diagnosticadas em cães entre os anos

de 2022 e 2024 no Laboratório de Diagnóstico e Pesquisa em Micologia Veterinária (MicVet) que está localizado junto à Faculdade de Veterinária, e que integra o Laboratório de Doenças Infecciosas do Departamento de Veterinária Preventiva da UFPel (Universidade Federal de Pelotas), com base nos resultados de culturas fúngicas, identificando os principais agentes envolvidos e as manifestações clínicas associadas.

2. METODOLOGIA

O levantamento de dados foi realizado a partir de um estudo retrospectivo de fichas encaminhadas ao MicVet/UFPEL entre o período de janeiro de 2022 a janeiro de 2024. Foram incluídas amostras provenientes de caninos. Os dados foram tabulados e classificados de acordo com a espécie, suspeita clínica, localização das lesões, idade, suspeita e resultado da cultura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No levantamento de dados sobre casos de doenças fúngicas no Laboratório MicVet, realizado entre abril de 2022 e dezembro de 2024, foram avaliados 421 cães. Destes, 51% (216) eram sem raça definida (SRD). Entre as raças puras, as mais frequentes foram Bulldog Francês (6,89%; 29 cães), Pitbull (5,70%; 24), Shih Tzu (2,85%; 12), Labrador Retriever (2,38%; 10) e Dachshund (2,38%; 10). Além disso, 5,94% (25) dos animais não tiveram a raça informada.

Observou-se ainda que 3,56% (15) das raças apresentaram ocorrência isolada, representadas por um único indivíduo, incluindo Ovelheiro, Ovelheiro Gaúcho, Orcão Americano, Galgo Inglês, Chow-Chow, Pequinês, Samoiada, Collie, Boiadeiro Australiano, Cimarron, Jack Russell, Pointer, Dachshund, Pinscher Miniatura, Dálmata e American Bully. Outras nove raças contaram com dois representantes cada (4,28%; 18), como Lulu da Pomerânia, Chihuahua, Spitz Alemão, Dogue Argentino, Spitz Golden, Akita, Pinscher, Galgo e Australian Cattle Dog. Sete raças tiveram três indivíduos da mesma raça (4,99%; 21), incluindo Golden Retriever, Bulldog Inglês, Rottweiler, Pastor Alemão, Lhasa Apso, Doberman e Belgian Malinois. Por fim, três raças foram registradas em quatro cães cada (2,85%; 12), sendo Yorkshire Terrier, Boxer e Boiadeiro de Berna.

A identificação da raça é relevante no diagnóstico de doenças fúngicas, uma vez que predisposições genéticas ou características anatômicas podem aumentar o risco de infecções específicas. Além disso, raças com pelagem densa, como Yorkshire Terrier, apresentam maior prevalência de dermatofitose, possivelmente pela retenção de umidade na pele (SANTOS; CARVALHO; FERREIRA, 2022). Tais achados reforçam a importância de considerar a raça para um diagnóstico preciso e a implementação de estratégias terapêuticas eficazes (SANCHES, 2007).

Quanto ao sexo, 48,9% (206) dos cães eram machos, 30,4% (128) fêmeas e, em 4% (17), essa informação não foi registrada. A distribuição etária revelou que 15% (63) dos cães tinham entre 0 e 1 ano, 27,6% (116) entre 1 e 5 anos, 25,9% (109) entre 5 e 10 anos, 11,6% (49) entre 10 e 15 anos, 1,9% (8) entre 15 e 20 anos, e em 17,6% (74) a idade não foi informada. A idade é um fator relevante, pois a faixa etária influencia a prevalência de determinadas infecções fúngicas, sendo que cães jovens ou idosos apresentam maior risco de acometimento clínico (VASCONCELOS, 2020).

Os resultados das culturas realizadas nos 421 cães analisados mostraram que 222 amostras não apresentaram crescimento fúngico (SCF) e 112 apresentaram crescimento de fungos saprófitos (CFS). Foram identificadas 31 amostras com *Sporothrix* spp. e 38 com *Malassezia* spp. Crescimento bacteriano foi observado em 24 amostras. Entre os fungos específicos, registraram-se: 1 amostra de *Microsporum canis*, 1 de *Rhodotorula* spp., 2 de *Trichophyton rubrum*, 3 de *Microsporum gypseum*, 5 de *Candida* spp., 1 de *Geotrichum* spp., 3 amostras sem crescimento fúngico.

Esses resultados destacam a diversidade de agentes fúngicos que acometem cães e evidenciam a importância de fatores como raça, idade e sexo na análise epidemiológica, auxiliando tanto no diagnóstico quanto na definição de estratégias de prevenção e manejo clínico.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo contribui para o conhecimento sobre a ocorrência e caracterização das infecções fúngicas em amostras de cães enviadas ao laboratório MicVet da UFPEL, evidenciando a importância do levantamento de dados para compreender a distribuição dos agentes micóticos. A identificação das raças, faixas etárias e sexos mais acometidos, aliada à caracterização dos principais fungos isolados, reforça que as micoses devem ser sempre consideradas entre as possíveis causas de doenças cutâneas em pequenos animais. Além disso, o trabalho destaca o papel da cultura micológica como ferramenta indispensável para a confirmação diagnóstica. Dessa forma, este levantamento contribui para ampliar o conhecimento sobre infecções fúngicas em cães e fornece subsídios importantes para auxiliar médicos veterinários no diagnóstico e manejo clínico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, A. R.; MADRID, I. M.; BOHNEN DE MATOS, C.; TELLES, A. J.; WALLER, S. B.; NOBRE, M. O.; MEIRELES, M. C. Dermatopatias fúngicas: aspectos clínicos, diagnóstico e terapêutica. *Acta Veterinaria Brasilica*, Mossoró, v. 6, n. 4, p. 272-284, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/acta/article/view/2479>. Acesso em: 22 ago. 2025.

GUPTA, C.; DAS, S.; GAURAV, V.; SINGH, P. K.; RAI, G.; DATT, S.; TIGGA, R. A.; PANDHI, D.; BHATTACHARYA, S. N.; ANSARI, M. A.; DAR, S. A. Review on host-pathogen interaction in dermatophyte infections. *Mycopathologia*, [S. l.], v. 187, p. 101331, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.mycmed.2022.101331>. Acesso em: 22 ago. 2025.

KAPITULO, J.; SINGH, S. K.; SHUKLA, P. Neglected canine fungal zoonoses: emerging threats, diagnostics, and public health. In: SINGH, S. K.; SHUKLA, P. (Ed.). *Fungal resources for sustainable economy*. Singapore: Springer, 2023. p. 509-530. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-981-19-9103-5_23. Acesso em: 22 ago. 2025.

GORTAZAR, C.; REYES-GARCIA, R.; PALOMARES, F.; DELIBES-MATEOS, M.; PEREZ, J. M.; LUZ, A. Dermatophytosis in companion animals: a review. *Journal*

of Fungi, Basel, v. 6, n. 3, p. 75, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/jof6030075>. Acesso em: 22 ago. 2025.

QUATRIN, P. M. et al. Método convencional para o diagnóstico de micoses: um estudo comparativo. Clin Biomed Res, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 213-217, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22491/2357-9730.108675>. Acesso em: 22 ago. 2025.

CHAUVIN, M. F. Examen mycologique en dermatologie. Annales de Dermatologie et de Vénéréologie, Paris, v. 145, p. 623-632, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.annder.2018.04.013>. Acesso em: 22 ago. 2025.

SANCHES, P. P. Aspergilose em cães – revisão. Universidade Paulista, 2007. Disponível em: https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/2020/12/V25_N4_2007_p391-398.pdf. Acesso em: 17 ago. 2025.

SANTOS, A. P.; CARVALHO, A. L.; FERREIRA, R. P. Dermatofitose por *Microsporum canis* em cão da raça Yorkshire Terrier. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/7610/2910/10964>. Acesso em: 17 ago. 2025.

VASCONCELOS, J. S. Frequência das doenças de pele não tumorais em cães no Brasil. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abmvz/a/wqkfqZ9pYPtc3fpSVWXc4cH/>. Acesso em: 17 ago. 2025.